

---

## ONDE QUERES FAMÍLIA, SOU MALUCA: análise dos discursos de Ritinha em *A Força do Querer*<sup>1</sup>

Maria Amélia Paiva ABRÃO<sup>2</sup>  
ESPM, São Paulo, SP

### RESUMO

À luz dos Estudos Feministas e de Gênero e ancorada nos Estudos Culturais e de Linguagem, apresentamos neste artigo a análise da personagem Ritinha – *A Força do Querer* (Globo, 2017), escrita por Glória Perez. A autora é uma novelista consagrada, que traça um diálogo com o cotidiano brasileiro, pincelando temas considerados polêmicos para serem debatidos em suas obras – além de ser a única mulher que escreve sem coautoria no horário das 21h. Em *A Força do Querer*, apresenta a paraense Ritinha, uma jovem pueril que desejava conhecer o mundo praticando o sereismo. Para investigá-la, realizamos a semana composta a fim de selecionar cenas da personagem supracitada, que foram perscrutadas utilizando a Análise de Discurso de Linha Francesa, que afirma não existir discursos homogêneos, neutros e, sim, opacos, compostos por uma profusão de outros discursos que materializam ‘visões de mundo’.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Telenovela; Estudos Feministas e de Gênero; Análise do Discurso

### INTRODUÇÃO

A vida cotidiana é o espaço das ações rotineiras, vivenciadas na cotidianidade, como ir às compras, à escola, navegar na internet, passear com os amigos, dentre outros. Práticas que se operacionalizam de maneira natural, repetitivamente ao longo dos dias/anos. Porém, mais do que um ambiente do fazer individual, o cotidiano pressupõe uma vida vivida na coletividade, em comunidade, onde os significados são produzidos e reproduzidos ancorados nas interações sociais. É um campo multifacetado das relações humanas, no qual se produzem e circulam os significados sociais, uma esfera de poder, de embates, em que a classe dominante opera consenso.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Comunicação pela ESPM-SP. Doutorado Sanduíche no dept. de Comunicação do Boston College. Especialista em Marketing, com MBA Executivo pela ESPM-SP. Membro do Grupo CNPq de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidades socioculturais (CiCO). e-mail: amelia.abrao@gmail.com

---

Estudar a cultura implica investigar a multiplicidade das relações sociais que se formam em detrimento da convivência em comunidade, mediadas pelos meios de comunicação e legitimadas por bens materiais/ simbólicos. Para investigar a cultura de uma sociedade se faz necessário compreender sua complexidade, pois ela se manifesta enquanto “processos sociais de significação”, cuja produção e circulação de sentidos os reconfiguram (GARCÍA CANCLINI, 2015).

Observamos que a compreensão dos “processos sociais de significação” implica em uma imersão na cotidianidade, na cultura de uma sociedade, desde as práticas sociais, no modo de vida em comunidades, até as mensagens postas em circulação nos diversos meios de comunicação. Afinal, “uma das características particulares do homem tem sido o seu desejo e habilidade para se comunicar, para trocar significados com o próximo” (WILLIAMS, 1992, p.21, tradução livre)<sup>3</sup>.

A telenovela é uma obra aberta, escrita sob o ponto de vista de um autor, suas percepções sobre o mundo que o cerca, aquilo que vê, ouve e vivência. Este a cria com suas diversas histórias, tramas e subtramas, com as características típicas do formato: conflitos familiares, histórias de amor, triângulos amorosos, vingança, humor, suspense. A narrativa tece um permanente diálogo com a cotidianidade, não apenas de onde extrai muitos de seus temas, mas de onde recebe o retorno constante por parte de seus receptores/ consumidores. A permanência ou a alternância do enredo, das personagens, dos conflitos é resultado dos índices de audiência, de grupos de discussão e até do comportamento dos telespectadores nas mídias sociais. “Desse modo, sua atualidade se espraia para devolver a todos a síntese dos campos recortados na reordenação ficcional que os torna compreensíveis” (MOTTER, 2004, p.289).

Estudar a telenovela é estudar a cultura de uma sociedade, a partir de um dos formatos mais consagrados e democráticos, pois a maioria da população brasileira tem acesso a ela, reafirmando que a “cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais” (JOHNSON, 2006, p.13). Ainda, nas palavras de Hamburger (2005),

A telenovela é um dos raros textos consumidos por cidadãos pertencentes às mais diversas classes sociais, um repertório privilegiado para mediar diferenças. [...]. Sendo assistidas e apropriadas por um corpo tão diversificado de telespectadores, cujas reações são de alguma

---

3 “[...] una de las características particulares del hombre ha sido su deseo y su habilidad para comunicarse, para intercambiar significados con sus prójimos” (WILLIAMS, 1992, p.21).

---

forma incorporadas ao texto, novelas captam e expressam a dinâmica cotidiana de luta por inclusão social (HAMBURGER, 2005, p.73-74).

A autora Glória Perez é reconhecida por trabalhar questões relativas às mulheres em suas narrativas e por abordar assuntos considerados polêmicos. A telenovela *A Força do Querer* (Globo, 2017) foi sucesso de audiência em sua primeira exibição, abordando assuntos contemporâneos e apresentando três protagonistas – Ritinha (Ísis Valverde), Jeiza (Paloma Duarte) e Bibi (Juliana Paes), cujas histórias se entrelaçavam e dividiam o seu público, que questionavam as atitudes e comportamentos das personagens, uns adorando-as, outros nem tanto. Com sucesso obtido em 2017, *A Força do Querer* (Globo, 2017) foi selecionada para substituir a reprise de *Fina Estampa* (Globo, 2011), no horário das 21h, em 2020<sup>4</sup>.

No presente artigo, trazemos a discussão sobre a personagem Ritinha (Isis Valverde), apresentando a personagem e alguns de seus discursos. As cenas analisadas foram selecionadas por meio da semana composta e analisadas utilizando a Análise do Discurso de Linha Francesa (ADF), que visa estudar a opacidade dos discursos, os ditos e não-ditos, o interdiscurso, compreendendo as relações entre textos, sujeito e sociedade. Para Baccega (2007), a palavra é a mediação entre o homem e a realidade objetiva, é pelos discursos que os significados vão sendo transmitidos em uma sociedade.

Nosso olhar, se faz ainda pelos Estudos Feministas e de Gênero que nos possibilita compreender a sociedade e as diferentes relações de poder que nela se constituem. Não há como dissociar as mulheres dos Estudos Feministas e de Gênero, pois as histórias das mulheres se mesclam com as dos Feminismos.

## 1. ONDE PISAS O CHÃO, MINHA ALMA SALTA

Ritinha (Isis Valverde) é uma jovem moradora de Parazinho (cidade fictícia), interior do Pará. Adora o rio, nadar com os botos, paixão que a leva acreditar que é filha de um e a querer trabalhar com sereismo, profissão que a deixa em permanente contato com as águas. É uma mulher que gosta de liberdade, o que incomoda os moradores da

---

<sup>4</sup> Devido à Covid-19, as gravações das telenovelas foram canceladas pela primeira na Rede Globo. As das telenovela *Amor de Mãe* (Globo, 2019), que estava no ar às 21h, foram suspensas até setembro de 2020, sendo substituída por uma versão compacta de *Fina Estampa* (Globo, 2011) e, atualmente, por *A Força do Querer* (Globo, 2020).

pequena cidade onde vive (Figura 01). Na ausência de seu namorado, Zeca (Marco Pigossi), viaja escondido para Belém, para aproveitar as belezas da cidade, e acaba repreendida por ele e por sua mãe.



**Figura 01: Ritinha nada no Rio Amazonas**  
Fonte: *A Força do Querer* (Globo, 2017)

Zeca é um caminhoneiro que faz constantes viagens interestaduais, mas se recusa a levar Ritinha com ele por não serem casados, gerando revolta na moça, que sonha em conhecer o Rio de Janeiro, “Zeca, me leva, vai? Larga de ser ruim, eu quero tanto conhecer o Rio de Janeiro!”.

Conhece Ruy (Fiuk), carioca, que foi a Parazinho fazer negócios para a empresa de sua família. O jovem se encanta com a beleza de Ritinha e faz de tudo para conquistá-la.

**Ruy:** Ele [Zeca] não te levou pro Rio de Janeiro, né? Se quiser eu levo.

**Ritinha:** Leva mesmo? Tu me levas mesmo?

**Ruy:** Eu estou falando sério, não acredita não? – tenta beijá-la.

**Ritinha:** Deixa de ser apresentado, menino?

**Ruy:** Você ia gostar do Rio de Janeiro. Nadar no mar, já pensou?

**Ritinha:** Eu sou doida pelo mar.

**Ruy:** Então, vamos lá na pousada pra gente combinar? Vamos?

**Ritinha:** Zeca, quando ele viaja, ele me traz um monte de conchinha pra eu poder enfeitar, eu gosto de tudo que vem da água.

**Ruy:** Lá vai ter o mar só pra você.

**Ritinha:** Bem que eu queria!

**Ruy:** Então, vamos lá na pousada – pega Ritinha pelo braço.

**Ritinha:** Olha!

**Ruy:** Você não gosta nem um pouquinho de mim?

**Ritinha:** Gosto.

**Ruy:** Então vem aqui, me dá só um beijo?

**Ritinha:** Sei não.

**Ruy:** Sabe sim, você também quer, eu sei que você quer.

**Ritinha:** Como é que tu sabes?

**Ruy:** Eu sei.

**Ritinha:** Eu vou perguntar pros botos, se eles mandarem, eu beijo – corre para nadar no rio.

No diálogo entre os dois vemos um jogo de sedução. Todas as vezes que se encontram, Ruy faz constantes investidas com a intenção de levá-la para a cama, vê a jovem como uma pessoa ingênua, interiorana, fácil de conquistar. Por sua vez, Ritinha utiliza-se do seu jeito pueril para obter o que deseja, tanto com ele, quanto com Zeca.

O jeito conquistador de Ritinha faz até sua melhor amiga, Marilda (Dandara Mariana), duvidar de que ela estivesse grávida de Zeca, *“De quem que tu achas que é?”*, *“E eu vou saber, eu não sei com quem tu andastes! [...] E aquele cabra lá do rio, Ruy?”*. A gravidez não planejada deixa a jovem desesperada, pois todos da cidade saberiam que se deitara com Zeca, fora os rumores de que o filho poderia ser de outro homem. *“E tu acha que eu sou besta? Se até tu [Marilda] que anda colada comigo está desconfiada, avalie ele [Zeca]?”*. A amiga chega a questioná-la sobre um possível aborto, *“Ritinha pede pra santa a tirar desse aperreio!”*. E Ritinha diz que além de não querer abortar, duvida que uma santa faria isso por ela, *“mas santa não vai tirar o bebê! E quem disse que tô pedindo pra abortar?”*.

Ritinha esconde a gravidez e dribla os rumores da cidade em relação a um possível envolvimento com Ruy, *“mentira, mentira, mentira, falar até papagaio fala! Eu quero ver é provar!”*, e se casa com Zeca. No dia do casamento, ouve sua mãe falar sobre seu pai, o boto.

**Marilda:** Tia Dinalva, a senhora não teve medo assim de ver o boto não?

**Edinalva:** Só se eu fosse doida de ter medo de um homem lindo daquele! Foi lá pras bandas do Amazonas onde eu morava, coisa linda! Ainda não vi homem mais lindo do que aquele! Terno branco, parecendo que tinha saído da goma de tão passado. Meu coração chega pulou quando ele tirou o chapéu pra mim e veio vindo na minha direção, rindo pra mim... aquele dente de ouro! A noite inteira a gente não se largou, dançamos até se acabar. A voz dele era que nem música no meu ouvido, tão bonito as coisas que ele dizia, aquele céu muito lindo, salpicado de estrelas, ahhh! Quando dei fé, o homem tinha sumido, mas me deixou Ritinha.

**Marilda:** Ó, que eu fico até arrepiada!

**Ritinha:** Por que que tu acha que eu nasci dentro de uma canoa? Era ele querendo me conhecer!

**Edinalva:** Meu pai, quando a minha irmã pegou barriga, botou ela pra fora de casa, mas quando chegou na minha vez, ele aceitou. Tinha que aceitar, né, mana? Quem é que pode resistir ao encantado?

Embora revestido da lenda do boto, o discurso de Ednalva (Zezé Mota) mostra a realidade de muitas mulheres que engravidam e são abandonadas pelos pais da criança. O boto, provavelmente uma pessoa de fora da cidade em que morava, a encantou e

tiveram uma rápida relação, que culminou na gravidez. “*A voz dele era que nem música no meu ouvido, tão bonito as coisas que ele dizia [...]!*”, o homem lhe disse coisas lindas, tudo para conquistá-la, como Ruy tentava fazer com Ritinha. Viu-se grávida, mas o pai não lhe expulsou de casa graças ao encanto do boto, já a irmã não teve tanta sorte. Acabou tendo a filha dentro de um barco, durante uma viagem. Enfim, o conto é uma história para encobrir a dura realidade de uma mulher que tem que passar sozinha por uma gravidez e criar a criança sem a ajuda de ninguém.

Ao florear suas dificuldades, Ednalva blinda a filha dos possíveis falatórios e lhe confere um pai, mesmo que fictício.

Durante a festa de casamento, Ruy (Fiuk) aparece e Ritinha se encontra escondidas com ele, “*não posso ficar de conversa não menino, tenho que voltar, é minha festa de casamento. Eu casei mesmo! Não está acreditando não? Não está vendo meu vestido bonito?*”.

Mesmo afirmando que estava casada, Ruy tenta conquistar a jovem. Ao ver a cena, Zeca (Marco Pigossi) parte furioso em direção aos dois. “*Lasquei-me, o Zeca não pode me ver aqui não, está cismado contigo*”, Ruy e Ritinha fogem de barco e Zeca atira para tentar impedir a fuga (Figuras 02 e 03).



**Figura 02: Ritinha e Ruy fogem**  
**Fonte:** *A Força do Querer* (Globo, 2017)



**Figura 031: Zeca atira em direção ao barco**  
**Fonte:** *A Força do Querer* (Globo, 2017)

Zeca é tido como um jovem bom pela comunidade onde mora, o ato violento é justificado como se a culpa fosse de Ritinha, que o estava traindo no dia de seu casamento, ela era a responsável pela a atitude do outro. Até 2005, a expressão “mulher honesta” esteve presente no Código Penal Brasileiro. Hungria e Lacerda (1986) define a mulher honesta, nos preceitos da lei:

como tal se entende, não somente aquela cuja conduta, sob o ponto de vista da moral sexual, é irrepreensível, senão também aquela que ainda não rompeu com o *minimum* de decência exigida pelos *bons costumes*.



Só deixa de ser *honest* (sob o prisma jurídico-penal) a mulher francamente desregrada, aquela que inescrupulosamente, *multorum libidini patet*, ainda não tenha descido à condição de autêntica prostituta. Desonesta é a mulher fácil, que se entrega a uns e outros, por interesse ou mera depravação (*cum vel sine pecúnia accepta*) (HUNGRIA; LACERDA, 1980, p. 150).

Esta expressão esteve presente desde o Código Penal da República (1986) até sua alteração do Código Penal Brasileiro, em 2005. Vemos a construção de um ideal em torno do que seria uma mulher com princípios, sempre subjugada ao pai e/ ou ao marido, tendo seu corpo e seus desejos controlados pelo Estado. A mulher adúltera era uma pessoa desonesta, trazia a desonra para o homem/ família. Criou-se, assim, um imaginário da defesa da honra da família, justificando ações violentas contra as mulheres como um ato de legítima defesa da honra. O termo mulher honesta requeria uma mulher com direitos inferiores ao dos homens e a eles subordinada. Podemos ver a subordinação como um direito à posse, como se a mulher fosse propriedade do homem. Ainda que a legítima defesa da honra não conste na legislação brasileira, consta no imaginário dos homens brasileiros.

Ao disparar contra o barco de Ritinha, Zeca está defendendo a sua honra, o seu direito sobre a sua mulher. Ritinha deixa de ser a vítima, para transformasse em culpada aos olhos dos moradores da pequena Parazinho. “*Eu entrei naquela barca pra me abrigar dos tiros dele e daquela braveza que ele ficou, não foi pra fugir com o Ruy não. Aí acabou que eu tive que fugir!*”.

Sem ter alternativa, vai para o Rio de Janeiro com o jovem carioca, passa a se relacionar sexualmente com ele e lhe confere a paternidade do bebê que espera. Ao saber da gravidez, Ruy chega a solicitá-la que faça um aborto.

**Ruy:** Tira.

**Ritinha:** Ah?

**Ruy:** Faz um aborto?

**Ritinha:** Vixe, credo, eu não faço essas coisas não, tu é doido, é?

**Ruy:** Ô Ritinha...

**Ritinha:** Égua, não fala isso nem de brincadeira, Deus me livre, voti!

**Ruy:** Você quer ferrar com a minha vida, é? Não quer tirar, não tira, mas não vai achando que eu vou assumir, porque eu não vou não. Aqui, você também não fica!

**Ritinha:** E eu vou pra onde? Eu não tenho mais ninguém nessa vida, só tu? Parece que bebe!

**Ruy:** Pensa bem, hein? Pensa bem no que você está fazendo, te dou até amanhã pra pensar, tô dando a melhor solução pra todo mundo. É pegar ou largar. E se largar, esquece que eu existo também.

**Ritinha:** Queres mesmo que eu esqueça?

O aborto é levantado duas vezes por meio da personagem de Ritinha, em ambas ela se mostra contrária à ideia, como se o considerasse um pecado. O discurso acima mostra que para aqueles que pertencem à classe alta o aborto não é um problema, uma dificuldade, mas uma escolha. Se Ritinha optasse por tirar o feto, Ruy arcaria com as despesas. O discurso de Ritinha, contrário ao procedimento, demarca um discurso religioso e moralista.

Apaixonado por Ritinha, Ruy resolve se casar, a contragosto da família, principalmente da mãe, Joyce (Maria Fernanda Cândido), que vê a entrada de Ritinha na família - de classe alta – como um escândalo. A sogra a considera uma mulher oportunista, sem modos e sem cultura. Porém, é justamente a cultura da jovem paraense que mais incomoda a socialite. Seu modo de ser, seus costumes, suas crenças são tidos como afronta à família.

**Joyce:** Vamos conversar sobre o seu linguajar. Égua, voti, pavulagem, essas palavras você vai limar do seu vocabulário, limar! Antes que o seu filho aprenda e comece a repetir também. É feio, é grosseiro, é vulgar falar desse jeito, ninguém fala assim!

**Ritinha:** Voti! Todo mundo fala igual a mim!

**Joyce:** Lá em Parazinho pode ser, aqui não! Aqui ninguém fala assim.

**Ritinha:** E porque é que o jeito de vocês falar é certo, égua! Pra mim, o jeito certo é o jeito de lá?

**Joyce:** Eu estou tentando ter boa vontade com você, Ritinha!

**Ritinha:** Eu estou perguntando pra senhora?

**Joyce:** Por hoje é só. É mais do que eu posso aturar.

Até o seu jeito da nora falar incomoda Joyce que quer ela se adeque aos costumes da alta sociedade carioca, trocando suas roupas por outras que lhe confeririam um determinado *status* social - de uma pessoa rica, mulher de um Garcia. As falas de Joyce mostram uma mulher intolerante ao que lhe é diferente, que considera cultura apenas a cultura da elite, as demais são algo “exótico”, espalhafatoso e inaceitável.

Entretanto, Ritinha sempre lhe questiona sobre o motivo de considerarem o jeito dela errado e não o certo, pois para ela o correto era ser como ela era. “[...] *eu me sinto tão bizarra vestindo esse tipo de roupa, sabe? Esse visual... não combina em nada comigo. Sabe o que eu estou pensando? [...] Eu podia botar um brilho, sei lá, um batom!*”. A jovem ia driblando as imposições e se mantinha fiel à sua essência. “*Ninguém é barro não, pra ter que ficar cabendo dentro do molde dos outros*”.

Após o nascimento do filho, Ruyzinho, ela decide voltar a trabalhar como sereia e, para tanto, mente que irá fazer um curso de culinária, até ser descoberta. Deixa a casa



dos Garcia e vai morar com a mãe, que se mudara para Niterói. Inconformada com as atitudes da jovem, Joyce consegue uma liminar dando-lhe a guarda do neto.

**Joyce:** Você já fez muito estrago na vida do Ruy, não vai fazer mais um sumindo com o meu neto.

**Ritinha:** E o Ruy, não fez estrago na minha vida não? No dia que ele foi lá em Parazinho, no dia meu casamento, escangalhou com tudo, hein, dona Joyce?

**Joyce:** Ora, você que respeitasse o compromisso que você tinha com seu noivo.

**Ritinha:** Olha, quem ficava me a bigorando era o Ruy. Quem andava atrás de mim era o Ruy. Que armou até de Zeca sair de Parazinho e vir para o Rio de Janeiro só pra me deixar sozinha? A senhora não sabia disso não?

**Joyce:** E por que é que você se casou com meu filho se você ainda queria esse Zeca?

**Ritinha:** Mas quando é que eu queria Zeca?

**Joyce:** Ah, não queria? Não queria, mas ficou aí se comunicando por computador com ele, mandando fotos do Ruizinho pro celular dele, fazendo Ruy acreditar que era ele que tava atrás de você [...].

**Ritinha:** Ai Joyce, a senhora acha mesmo que eu queria botar Ruy contra Zeca?

**Joyce:** Foi o que você fez, não foi?

**Ritinha:** Eu não sou uma pessoa ruim não, dona Joyce? Nunca na minha vida inteira eu quis fazer mal pra alguém, ainda mais pra Ruy e Zeca, eu gosto muito deles dois, nunca iria querer fazer mal pra eles.

**Joyce:** Você gosta é de você, de mais nada! Tivesse pelo menos pensado no seu filho não teria feito que fez.

**Ritinha:** E eu estou errada de gostar de mim? Eu estou errada de gostar? Gosto, gosto, gosto mesmo, gosto de mim, gosto! E eu prefiro gostar de mim do que querer ficar fazendo os outros entrarem no meu molde, que nem a senhora faz!

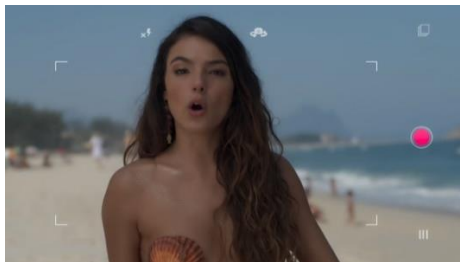
**Joyce:** Zu, me chama quando a polícia chegar.

O diálogo entre Joyce e Ritinha mostra a dificuldade que ambas tinham de se entenderem. Para a mãe de Ruy, Ritinha acabou com a vida do filho, mas era incapaz de ver o que o filho fez na vida da mulher - as constantes investidas e a necessidade que ela teve de fugir de Parazinho, se distanciando dos amigos e da família. Para a socialite, Ritinha era uma mulher egoísta, que só pensava nela, nunca no bem-estar da maioria. Porém, Ritinha sempre frisou a todos que gostava muito de si e que faria tudo para ser feliz. E, como disse, “*prefiro gostar de mim do que querer ficar fazendo os outros entrarem no meu molde*”, do que ser o que não é, do que querer fazer com que os outros sejam o que não são.

A atitude de Joyce em solicitar e obter a guarda do neto, bem como de chamar a polícia para retirar Ritinha de sua casa, mostra as relações de poder entre elas, Joyce é uma mulher rica e acredita que pode fazer o que bem quer e é muitas vezes respaldada

pelo próprio Estado. Vemos a “violência patriarcal” em que aquele que detém mais poder controla os demais “por meio de várias formas de força coercitiva” (HOOKS, 2019, p. 95), bem como a violência estrutural, na ausência do Estado em garantir proteção aos mais vulneráveis – no caso de Ritinha, uma mulher migrante, de classe média baixa.

Como forma de reaver o filho, Ritinha apela para a opinião pública, faz um vídeo e posta nas redes sociais (Figura 04). Este se espalha rapidamente, sendo visualizado por milhares de pessoas, que passam a manifestar apoio à jovem.



**Figura 042: Ritinha gravando vídeo**  
**Fonte:** *A Força do Querer* (Globo, 2017)

Ritinha consegue a guarda do filho e resolve sair do Rio de Janeiro, levando-o consigo: “*não nasci pra viver presa não, nasci não! O lugar que a gente vai, pedacinho [filho], é bonito demais. Vais gostar é muito, sabia?*”. Sem avisar a ninguém, vai para Las Vegas trabalhar com sereismo. Tempos mais tarde, Ruy e Zeca a encontram nos EUA e afirmam querer levar o filho de volta para o Brasil. Nesta altura, Zeca já sabia que era o pai biológico de Ruyzinho.

**Ritinha:** Gostei foi muito de saber que pararam de se intrigar vocês dois. Agora ó, o Ruizinho não vai levar não, porque o Ruizinho é meu.

**Zeca:** É seu, mas é meu também! Que ele é meu filho!

**Ruy:** Ele é meu filho também, por direito, mas é meu filho também, Ritinha!

**Zeca:** Tu voltas com a gente? Volta sim!

**Ritinha:** Volto não! Que eu volto depois, agora eu não vou voltar não. Não nasci pra ficar presa não. Tô é gostando daqui, olha pra isso aqui? Eu gosto de vocês dois, mas eu gosto mais de mim!

No discurso final entre os três, Ritinha deixa claro que ficará mais tempo trabalhando em Las Vegas com o filho, se recusa a voltar para o Brasil com os jovens. Ao final, diz que gosta muito dos dois, mas gosta mais dela, afirma que ficará trabalhando, pois não nasceu para viver presa.

O jeito pueril e conquistador da personagem de Ritinha fez com que muitos a amassem e outros a odiassem, acreditavam que ela ficava jogando o tempo todo com os

---

dois homens, sendo dissimulada. Entretanto, quando analisamos a personagem vemos que Ritinha usava a sedução não para prejudicar os homens, mas para conseguir o que desejava. Sempre deixou claro que queria conhecer o mundo, não era mulher de ficar presa, queria trabalhar como sereia e foi atrás de seu sonho. Seu jeito simplório e infantil era visto por alguns como uma fragilidade, mas possuía uma personalidade forte, que nem Joyce, com sua arrogância, foi capaz de abalar. Ritinha viajou o Brasil e os EUA levando a sua cultura, mesclando-a com as demais por onde passava.

Em uma análise textual da personagem Ritinha, Tavares e Santos (2020) constata que esta se constrói por um emaranhado de traços psicológicos que a constituem como uma personagem desviante, o que consideram uma marca autoral de Glória Perez. Para os autores, “Ritinha mistura temporalidades de uma autoria e de uma época, o que a faz desviante não exatamente por aquilo que parece romper, mas por aquilo que ela sugere ampliar como agente da e em narrativa” (TAVARES; SANTOS, p. 132).

Perspectiva que corrobora com a investigação aqui apresentada por meio dos estudos de linguagem e de telenovela, que nos proporciona tanto dados do tempo corrente quanto do inscrito, ou seja, de discursos que pairavam no cotidiano de uma época. A telenovela é recurso comunicativo (LOPES, 2009) que educa entretendo - mesmo que apresentando um mundo editado, fragmentado, traz em seu conteúdo matrizes populares com as quais o público se diverte, se informa, se reconhece e se transforma (BACCEGA 2002; BACCEGA, FÍGARO, 1997).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A telenovela nos permite a compreensão da história cotidiana de uma sociedade, que se apresenta no desenrolar particularizado da narrativa, fragmentos da realidade inseridos pelo discurso, pela linguagem. É pela tradição da oralidade que a ficção seriada se adentra sobremaneira o cotidiano do brasileiro, mesmo aquele que não assiste uma obra conhece seu enredo, suas personagens, pois ela extrapola o espaço midiático, da casa do telespectador, dos diálogos familiares, e insere-se no trabalho, no chopp com os amigos ou nas mídias digitais, como Twitter e Facebook - novos espaços de socialização e de discussão de uma telenovela. Não há como negar a sua importância na trama cultural da sociedade e nas (re)significações que os receptores fazem dos assuntos abordados.

Os Estudos Feministas e de Gênero questionam o *status quo*, desafiam a dicotomia imposta entre homens e mulheres, questionam as relações de poder, o gênero, as sexualidades, as construções e discursos históricos, sociais, políticos, sobre as mulheres, as feminilidades, masculinidades, enfim, observam a sociedade de forma crítica, adentrando às questões culturais e econômicas sob um olhar que contradiz o hegemônico. Investigam os complexos mecanismos de regulação, de inclusão e exclusão social (DIRCH; HAWKESWORTH, 2018). Ao pesquisarmos mulheres estamos falando de gênero, sexualidades, corpos, raça/ etnia, migrações, violências, justiça reprodutiva, dentre tantos outros. Lançar um olhar à luz destes estudos é investigar como se (re)produzem discursos dominantes e/ ou emergem novos discursos. Afinal, toda história é regulada por princípios narrativos e “a construção da identidade da mulher tem-se enraizado na interiorização pelas mulheres de normas enunciadas pelo discurso masculino” (CHARTIER, 1994, p. 108). A história é “prática ‘científica’, produtora de conhecimentos, mas uma prática cujas modalidades dependem das variações de seus procedimentos técnicos, dos constrangimentos que lhe impõem o lugar social e a instituição de saber onde ela é exercida, ou [...] das regras que [...] comandam sua escrita” (CHARTIER, 1994, p. 111).

A personagem Ritinha, dentre tantas outras personagens de Glória Perez ao longo de sua trajetória, questiona o *status quo*, reivindica direitos e desvela as diversas facetas do poder, para além da relação entre homens e mulheres. Ritinha (Isis Valverde) foi constantemente questionada por outras personagens apenas por se sentir livre para exercer a sua sexualidade e sensualidade, por não ser um “corpo dócil” (FOUCAULT, 1987).

Ao trazer o embate do discurso hegemônico com o popular, com o da minoria, a telenovela causa estranhamento, questionamentos e rupturas. E o faz por meio da ficção, pelo uso de metáforas, polifonia e humor. A personagem de Ritinha com sua aparência jovial e pueril, questionou diversos assuntos, incluso o tão esperado “final feliz” que não ocorreu ao lado de um homem.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**: história e literatura. 2 ed.. São Paulo: Ática, 2007.

---

BACCEGA, Maria Aparecida; FÍGARO, Roseli. Comunicação & Educação: uma proposta de trabalho interdisciplinar. **Anais: XX Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação - GT 13 - Comunicação e Educação**, 1997.

BACCEGA, Maria Aparecida. Televisão e escola: aproximações e distanciamentos. **Anais: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - NP11 – Núcleo de Pesquisa Comunicação**, 2002.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

DIRCH, Lisa; HAWKESWORTH, Mary. **The Oxford handbook of Feminist Theory**. New York, NY: Oxford University Press, 2018.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HUNGRIA, Nelson e LACERDA, Romão Côrtes. **Comentários ao Código Penal**. Vol. VIII. Arts. 197 a 249. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOPES, Maria Immacolata V.. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, v. 3, n.1, p. 21-47, dez./ago. 2009. Disponível em: [matrizes.usp.br](http://matrizes.usp.br)

MOTTER, Maria de L.. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: Empréstimos e doações. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SANTOS, Matheus Effgen. A mocinha desviante em Gloria Perez: um estudo sobre a construção de personagens em telenovelas brasileiras. **Revista Ícone**, Recife, v. 18, n. 2, p. 115-134, mai/ago, 2020.

WILLIAMNS, Raymond. Introducción. In: WILLIAMNS, Raymond (org.). **Historia de la comunicación: del lenguaje a la escritura**. Colección Bosch Comunicación, 1992.